

A CASA TOMBADA

Centro de Estudo, Pesquisa e Experimentação
em Arte, Educação e Linguagem

FACONNECT

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU:
PEDAGOGIA DAS MIUDEZAS NA EDUCAÇÃO
DAS INFÂNCIAS: SOBRE EPISTEMOLOGIAS,
UTOPIAS E TEIMOSIAS, REALIZADO PELO
POLO A CASA TOMBADA - CENTRO DE
ESTUDO, PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO
EM ARTE, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM, DA
FACONNECT - FACULDADES INTEGRADAS

CAROLINE MACHADO DE ANDRADE

**O MUSEU COMO LUGAR DE COMUNIDADE E PERTENCIMENTO PARA AS
CRIANÇAS PEQUENAS E SUAS FAMÍLIAS**

2026

RESUMO

Este trabalho visa compartilhar o percurso como educadora de museu com e para bebês e crianças, desenvolvido há 4 anos no educativo do MAM-SP (Museu de Arte Moderna de São Paulo). As perguntas que orientam esta pesquisa são: quais práxis pedagógicas estão sendo construídas neste processo? Quais reflexões e práticas são mobilizadas a partir da ocupação destes públicos no museu?

PALAVRAS-CHAVE: *mediação cultural, museu, bebês e crianças.*

ABSTRACT

This work aims to share my journey as a museum educator with and for babies and children, developed 4 years ago at the MAM-SP (São Paulo Museum of Modern Art). The questions that guide this research are: what pedagogical praxis are being constructed in this process? What reflections and practices are mobilized through the occupation of these audiences in the museum?

KEYWORDS: *cultural mediation, museum, babies and children.*

Introdução.

O presente trabalho objetiva apresentar relatos, conhecimentos e saberes sobre a mediação cultural para e com bebês e crianças, adquiridos na experiência como educadora da equipe do MAM Educativo. O texto, redigido em primeira pessoa, oferece uma perspectiva pessoal do trabalho com as infâncias. Contudo, é fundamental ressaltar que o desenvolvimento desta pesquisa é inerentemente coletivo, constituindo um aprendizado consolidado no contexto do MAM-SP: a construção do conhecimento se dá em parceria. Dito isto, gostaria de compartilhar contigo, leitor deste material, uma breve introdução de quem aqui escreve.

Meu nome é Caroline Machado, sou filha, tia, e a memória de ter sido neta constitui uma parte inerente de mim. É imperativo destacar a relevância desses papéis na sustentação que me impulsionou a realizar a pós-graduação sobre infâncias. Meu foco transcende a reflexão sobre minha própria experiência na infância, estendendo-se ao compromisso de promover uma infância plena para as crianças do meu contexto familiar, considerando que a maior parte da nossa constituição emocional, hábitos e práticas são estabelecidos desde a gestação até os seis anos, conforme o Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI).

Além disso, incorporo o conhecimento adquirido no contexto familiar, o qual minha irmã, Priscila Brito, denomina como "saberes de quintais". Esta expressão refere-se às vivências concretizadas no ambiente domiciliar e de terreiro. Enquanto mulher que se esforça para honrar seu axé, tais experiências influenciam e são incorporadas em minha prática pedagógica, pautada no reconhecimento da confluência dos saberes. Não concordo com a restrição do aprendizado a um único espaço, visto que a educação se manifesta e se desenvolve em uma variedade de lugares e contextos, e o que reflito neste trabalho também é que o museu pode e deve ser um lugar de educação, arte, construção de memória e experimentação para todas as pessoas, pequenas ou grandes.

Em meados de 2018, ingressei no MAM-SP enquanto cursava Artes Visuais na Faculdade Metropolitana Unidas (FMU), já contando com experiência prévia em espaços de educação não formal. Embora conhecesse o museu de nome, nunca

havia adentrado suas dependências, exceto a biblioteca, para um trabalho acadêmico. De certa forma, o MAM não se mostrava um espaço convidativo a todos os públicos. Acredito que a educação também reside em compreender os territórios e seus espaços, e o MAM, sediado no Parque Ibirapuera, um lugar de grande memória afetiva onde vivi momentos especiais na adolescência, foi curiosamente um ponto de influência para que eu me sentisse parte daquele ambiente. Integrei a equipe educativa, inicialmente como estagiária, e tive a rara oportunidade de permanecer por dois anos nessa modalidade, um período de continuidade incomum em instituições culturais e museais. Ao finalizar meu contrato de estágio, a pandemia nos atingiu, transformando o mundo. Retornei ao museu em 2022, primeiro como PJ e, posteriormente, como funcionária efetiva. E cá estou hoje, compartilhando um pouco da minha trajetória nesta instituição.

Neste texto, apresento as práticas pedagógicas desenvolvidas com e para bebês e crianças no âmbito das ações do MAM Educativo, acompanhadas de reflexões pertinentes. Inicialmente, discorro brevemente sobre o MAM Educativo e seus programas, detalhando minha atuação como educadora nos últimos anos e a forma como um desses programas em particular fomentou minha aproximação com o universo das infâncias. Apresento, ademais, pontos de reflexão que emergem da minha perspectiva da pesquisa e do trabalho em conjunto com a equipe educativa na concepção e elaboração das ações destinadas aos bebês e crianças pequenas

O presente estudo não se propõe a fornecer diretrizes ou soluções preestabelecidas, mas sim a constituir um relato e uma sistematização do trabalho que se edifica a partir da prática, da convivência e da construção contínua de experiências.

1. MAM Educativo.

O MAM Educativo é um setor dentro do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) existente há mais ou menos 30 anos e, com tantos desafios que temos com o sucateamento das instituições de cultura e educação, é um ato de resistência manter uma área com tantos anos. O Educativo possui uma frente de programas fundamentais para a atuação com os públicos, estes programas são:

Contatos com a Arte - promove a formação cultural de professores, educadores, pesquisadores e estudantes universitários, fomentando seu papel de multiplicadores das diferentes expressões artísticas e abordagens pedagógicas a partir de processos criativos diversos.¹

Família MAM - Programa que promove o encontro do universo artístico do museu com as culturas da infância, através de narrações de histórias, brincadeiras, oficinas artísticas, visitas mediadas seguidas de experiências poéticas, entre outras atividades.²

Domingo MAM - Promove a formação cultural de professores, educadores, pesquisadores e estudantes universitários, fomentando seu papel de multiplicadores das diferentes expressões artísticas e abordagens pedagógicas a partir de processos criativos diversos.³

Igual Diferente - Cursos gratuitos de diversas modalidades artísticas que convidam o público a fazer e pensar a arte em um ambiente criativo e acessível a todos, independentemente de suas condições física, social ou psíquica.⁴

Programa de Visitação - Atende a todos os perfis de público e incentiva o acesso à arte e à cultura por meio do exercício do pensamento crítico. Fazem parte do programa de visitação: Visitas mediadas, Experiências poéticas e o programa de relacionamento com Escolas Parceiras.⁵

¹ informações para domínio público retiradas do site do museu, disponível em <https://mam.org.br/contatos-com-a-arte/>

² informações para domínio público retiradas do site do museu, disponível em <https://mam.org.br/familiamam/>

³ informações para domínio público retiradas do site do museu, disponível em <https://mam.org.br/domingomam/>

⁴ informações para domínio público retiradas do site do museu, disponível em <https://mam.org.br/igual-diferente/>

⁵ Informações para domínio público retiradas do site do museu, disponível em <https://mam.org.br/programa-de-visitacao/>

O Educativo é formado por uma equipe interdisciplinar, com educadores das mais diversas linguagens. Nós também atuamos em todos os programas, seja realizando propostas em algumas das frentes ou até mesmo conduzindo a programação de algum programa. Para este ensaio, eu quero compartilhar o meu trabalho realizado dentro do programa de Visitação e do Família MAM.

Ao visitar um museu, é possível encontrar o que se denomina visitas educativas, visitas monitoradas ou guiadas, que consistem em percursos educativos/monitorados/guidados pelas exposições em cartaz, nos quais são fornecidas informações sobre as obras, os artistas ou o próprio museu. “As visitas educativas nos museus têm se firmado cada vez mais como um importante recurso educacional, além de um potente dispositivo de impacto e transformação social”⁶

No livro educativo “Educação e Acessibilidade, experiências do MAM”, encontramos o seguinte trecho sobre as visitas:

No contato com as obras, os visitantes podem ter o corpo sensibilizado para questões subjetivas, simbólicas, sociais, políticas, entre outras. A visita é uma brecha no tempo em que os participantes, juntos, “leem” um recorte do mundo, tendo espaço para a reflexão e a construção de novos sentidos. (pág. 19).

No MAM Educativo, além das visitas educativas ou mediadas, são desenvolvidas “experiências poéticas”. Estas proposições, que incluem atividades de criação, contação de histórias, brincadeiras e percursos musicais, buscam estabelecer novas formas de interação com a exposição. “As experiências poéticas estimulam a criação de um museu - e de um mundo - com outras percepções.”(Educação e Acessibilidade, experiências do mam, pág. 20).

1.1 Aproximações e percursos.

⁶ LEYTON, Dayna, página 19. Educação e acessibilidade, experiências do mam

Em minha experiência educativa no museu, pude me aprofundar na pesquisa de mediação com os mais diversos públicos (crianças, idosos, pessoas com deficiência), mas também revisitar nestes processos, pesquisas individuais, como o repertório das manifestações culturais brasileiras em oficinas dentro da programação do museu, transportando aprendizados de outras formações minhas, como em dança pela Etec de Artes. Assim, no contexto da mediação, junto da formação em Artes Visuais, fazer diálogos entre corpo, arte e educação.

Me recordo na época de início, em questionar sobre o comportamento enrijecido do corpo que temos ao entrar no museu, mãos para trás, um espaço que há todo momento limita nossos corpos, boa parte de minhas mediações carrega consigo o desejo de romper com a ideia imaculada de museu, de um lugar sagrado, apenas para contemplação. Tinha e tenho ainda, o anseio de mostrar para os públicos o museu com outras percepções.

2. Infâncias

Durante meu período como estagiária, recordo-me de ter elaborado um breve relato sobre o quão desafiador era conduzir visitas para crianças da educação infantil. Frequentemente, ao término dessas interações, eu sentia uma lacuna, como se minha proposta não fosse suficiente para "ensinar algo" a elas. É intrigante como nossas pré-concepções, ainda que inconscientes, moldam nossas práticas.

Eu acreditava que, para as crianças pequenas, meu dever era transmitir conhecimento de forma definitiva, que elas deveriam sair do museu com um entendimento nítido sobre o espaço, a arte, e o significado das obras – em suma, respostas absolutas. Em contraste, para crianças a partir do ensino fundamental, meu olhar era distinto; considerava fundamental que tivessem uma “experiência”⁷ que estimulasse a reflexão e o diálogo com suas realidades e perspectivas em relação à exposição, de onde pudessem, quem sabe, extrair aprendizados. Essa era minha responsabilidade como educadora.

⁷ ver Notas sobre a experiência e o saber de experiência de Jorge Larrosa

No entanto, quando se tratava das crianças entre 3 e 6 anos, o que eu sentia era o peso da culpa. Hoje, compreendo que esse sentimento se originava da minha pouca experiência com esse público, tanto na prática — por ainda não ter tanta vivência nas visitas — quanto na teoria, pela escassez de referências sobre a primeira infância na faculdade e pela crença inconsciente de que a infância "nada sabe", necessitando de uma transmissão de conhecimento quase injetada.

Recordo-me também do sentimento que tinha com algumas professoras acompanhantes das turmas infantis que compartilhavam a mesma visão de introjeção de informações, um modelo construído e fomentado por muitos anos em nossas escolas. Iniciativas como esta pós-graduação e educadores que buscam uma educação mais respeitosa com crianças e bebês são essenciais para desconstruir essa lógica. É irônico e, ao mesmo tempo, trágico como eu conseguia ter uma abordagem tão aberta com crianças maiores e uma visão tão limitadora, inclusive para mim mesma e para o meu trabalho, em relação ao que poderia ou não realizar com as crianças pequenas.

No MAM Educativo, a amplitude de públicos atendidos, de "zero a cem anos", é uma prática imensamente enriquecedora. Em um contexto pedagógico, essa diversidade nos impulsiona, como educadores, tanto profissionalmente quanto em nossa esfera particular, visto que os processos educacionais se entrelaçam com nossa própria identidade.

Lidar com a variedade de públicos nos desafia a romper com zonas de conforto e a confrontar nossas inseguranças. Conforme Fátima Freire explora no título de seu livro "Quem educa marca o corpo do outro" (2007), somos levados a refletir sobre nossas práticas educacionais com as crianças. Contudo, nós, educadores, somos igualmente marcados pelas crianças e por toda a pedagogia que nos atravessa ao longo da vida, tornando a desconstrução de práticas internalizadas um trabalho árduo. É preciso também aceitar que nós, educadores, não sabemos de tudo, por isso o estudo e a pesquisa andam ao nosso lado, como eternos aprendizes, ou seja, que estão sempre aprendendo. Entender esta chave foi essencial para eu romper com o medo e a culpa em relação ao meu trabalho com os bebês e crianças pequenas e assim também me acolher neste lugar. Encaro a educação como uma

via de mão dupla: ao propor relações educacionais mais afetuosas, respeitosas e de escuta com as crianças, também promovo a cura de minhas próprias marcas educacionais.

Esse direcionamento para as infâncias permeia todas as programações do museu. No entanto, foi a reflexão sobre o atendimento às crianças pequenas nas visitas e o interesse em propor ações no programa Família MAM que impulsionaram a modificação dos meus processos pedagógicos. Passei a buscar aprofundamento em mediações lúdicas, contações e narrações de histórias, brincadeiras e cantigas das culturas tradicionais das infâncias, conectando-as à pesquisa nas culturas populares brasileiras, segmentos intrinsecamente relacionados.

Comecei a reconhecer um novo desejo pedagógico em mim: a necessidade de escutar a criança que eu fui, aquela que teria adorado vivenciar práticas como essas em seu processo educacional. Na confluência da vida, esses anseios se entrelaçaram com o meu universo particular, com a chegada de crianças à minha família. Quero ressaltar a importância disso, pois foi e continua sendo um grande impulso para o meu trabalho. Vejo-o como um ato que pratico cotidianamente para construir um mundo melhor para estas crianças e para as que virão.

A educação é ancestralidade, para mim, ela transcende os saberes adquiridos exclusivamente no ambiente escolar, destacando a relevância de incorporar contextos de identidade e pertencimento que permeiam o cotidiano das pessoas, considerando suas subjetividades, ou seja, os saberes de quintais, como traz a minha irmã, dentro de um quintal de terreiro uma criança é cuidada por todos, desta forma todos podem e provavelmente vão trazer a ela aprendizados, experiências mesmo que não haja uma intenção educacional, pois os bebês e crianças estão a todo momento observando e aprendendo conosco, por isso a importância de estarmos atentos em plenitude conosco e com o outro. Como Paulo Petronilio (2025) diz, a partir dos saberes de Nego Bispo⁸: “essa capacidade que temos de nos vermos enquanto memória coletiva é o que nos prende à ancestralidade (pág. 101)”. Outro ponto importante que faz a conexão é o tempo, entender que as

⁸ nome mais usado para Antonio Bispo dos Santos.

crianças, principalmente as pequenas, têm um tempo outro de entender o mundo, e precisamos respeitá-lo, ainda mais quando vivemos numa contemporaneidade onde o tempo natural das coisas é tão desrespeitado, não se dá tempo ao tempo. PETRONILIO (2025) nos reforça:

Por isso ancestralidade e temporalidade não se separam. Ao viver o agora, recebemos forças da ancestralidade que nos impulsionam a vislumbrar o futuro. Assim, as temporalidades se fundem e se conectam. Desse modo, essas memórias são as que os reanimam e são remetidas de uma força maior. Dessa força ancestral retomada pela memória ele é capaz de dar continuidade ao percurso, através da palavra e do afeto. (pág. 101).

Concebo a ancestralidade como um pilar de respeito ao indivíduo e a tudo que o constitui. Consequentemente, essa prática respeitosa se perpetua na forma como essa pessoa vive e atua no mundo.

Após a pandemia, notamos uma mudança no perfil do público: frequentadores assíduos pré-pandemia não retornaram ao museu quando o ambiente se tornou seguro novamente. A cada ano, o desafio é fomentar a vinda de novos públicos, pois a pandemia alterou nossa estrutura social, e hoje buscamos compreender como nos posicionamos e existimos nesses espaços. Em diálogo com outras instituições museológicas, percebemos que esta é uma questão amplamente enfrentada pelo setor.

Entre 2020 e 2021 o educativo atuou fortemente nas redes e plataformas digitais, com toda sua programação de visitas, formações, oficinas, contações de histórias nos formatos virtuais. Em seu retorno presencial a partir de 2022 com maior intensidade, há o desejo de retomar as ações presenciais para a primeiríssima infância, embora permeada por certa apreensão devido à vulnerabilidade deste público, o MAM Educativo propôs ações com convidados e pessoas especializadas com estes públicos, e existia uma expectativa de que o público assíduo de 2019, por exemplo, retomasse a participação nas atividades, o que, contudo, não se

concretizou. Essa expectativa fundamentava-se na frequência observada ao longo de muitos anos, período em que um público fiel acompanhava toda a programação, e bebês e crianças que participavam das atividades cresciam e permaneciam engajados em outras propostas adequadas às suas idades.

A partir desse contexto, uma das estratégias de retomada foi a equipe educativa propor ações para a primeiríssima infância, concretizando assim desejos e anseios. É interessante observar como as perspectivas mudam: antes, trabalhar com a primeira e primeiríssima infância me causava grande insegurança como educadora. Havia um receio de estar errada e de falhar com as crianças, um sentimento paralisador, pois eu me norteava por crenças limitantes e referenciais hegemônicos que concebem a infância de forma única para todas as crianças. Hoje, embora ainda sinta medo e insegurança, compreendi que, em vez de me nortear, eu poderia "sulear" – ou seja, partir de outras perspectivas e cosmovisões de mundo, incluindo as minhas, para elaborar meus processos educacionais.

Isto renovou meu ânimo para continuar na educação e me leva a refletir que educar é também arriscar-se, é permitir-se errar, e, como aprendi com Exu, o erro pode virar acerto. E assim prossigo.

3. Bebês e crianças no MAM Educativo.

Ao longo dos seus quase 30 anos de existência, as equipes do MAM Educativo passaram por diversas modificações, mas sempre mantiveram um olhar atento e uma preocupação constante com a ocupação do espaço pelas infâncias. Mirela Estelles é uma destas pessoas, educadora e contadora de histórias, é referência para pensar a cultura das infâncias nos espaços museológicos. Educadora e contadora de histórias, fomenta em suas práticas a cultura das infâncias por meio de narrativas, músicas e brincadeiras para todos os públicos e coordena atualmente a equipe do MAM Educativo. Por muitos anos, foi responsável pelo programa Família MAM e, no livro Educação e Acessibilidade, nos compartilha o seguinte pensamento:

Para proporcionar experiências significativas com a criança no museu, atuamos na pesquisa e fomento de sua própria cultura: a cultura tradicional da infância. Assim, compreendemos as potencialidades de a criança apreender e conhecer o que está ao seu redor quando ela tem liberdade para empreender seu espírito curioso, e lhe é ofertado o terreno para se manifestar da forma que lhe faz sentido. É a partir dessa perspectiva que o programa Família MAM se dedica a realizar ações para crianças de todas as idades com seus acompanhantes.

Atualmente, sou uma das educadoras responsáveis pelo programa Família MAM. Além de planejar a programação com convidados, também proponho ações junto da equipe educativa.

Nas propostas com a primeiríssima infância, eu inicio com as experimentações com tintas naturais, uma atividade para bebês a partir de 06 meses até 03 anos. Esta é uma ação estruturada e realizada desde 2014 pela nossa coordenadora Mirela Estelles, junto a diversas colaboradoras convidadas. Ao assumir a gestão, a ação passa como uma herança para o corpo coletivo educativo, desta forma atualmente é uma atividade realizada por muitas mãos, e cada educador e educadora traz suas próprias referências e pesquisas.

A ação consiste em criarmos um espaço de acolhimento para que bebês possam experienciar, a partir do seu corpo, do seu tempo, a intenção e a experimentação dos sentidos que a proposta pode provocar, seja pelas ferramentas de tinta ou pelos estímulos sonoros e multissensoriais que ocorrem.

Para realizar qualquer ação com bebês e crianças pequenas, é importantíssimo pensar no ambiente, pois tudo ao seu redor pode ser estímulo, assim é necessário escolher o que é relevante estar. Na ação com as tintas naturais comestíveis, preparamos o ambiente, tirando as mesas e cadeiras do ateliê educativo e colocando um grande tatame de EVA grosso de encaixe no chão. Encapamos o tatame com papel kraft e depois colamos grandes papéis brancos, que vão aludir à ideia de telas de pinturas. Estes pequenos detalhes fazem diferença em como

estamos e logo como agimos nestes ambientes, o ato de estarmos todos no chão junto das perspectivas dos pequenos é importantíssimo não só para eles, mas para nós também, educadores e os responsáveis, pois ali criamos um lugar de maior aproximação entre as pessoas presentes.

Iniciamos com um acolhimento, que consiste em receber os participantes — bebês, crianças, adultos e idosos — e assegurar que todos se sintam pertencentes. A ação é concebida para os bebês, mas consideramos fundamental a presença plena dos responsáveis para que a relação de comunidade se manifeste. Parte integrante do acolhimento inclui a apresentação da equipe, a descrição das atividades a serem realizadas e a informação sobre a composição das tintas, a fim de verificar possíveis restrições alimentares e alergias dos bebês.

Nossa intenção é sempre realizar uma atividade interativa para identificar os bebês presentes, prática que se alinha tanto ao repertório do MAM Educativo quanto aos saberes das culturas da infância. Utilizamos o xilofone para essa brincadeira, embora qualquer instrumento musical possa ser usado, com o propósito de captar a atenção da criança por outros meios. Entoamos a seguinte canção:

Olá, bebê

Bem-vindo, bebê

Que bom que você veio

Esperamos por você.

Substituímos a palavra "bebê" pelo nome da criança. A canção que entoamos é de grande valor para nós, pois tem a intenção de pronunciar o nome de cada criança. O nome é fundamental, sendo uma das primeiras coisas que recebemos ao nascer, muitas vezes antes mesmo de estarmos fisicamente presentes. Ele faz parte da nossa identidade e estabelece conexões subjetivas, aproximando-nos dos bebês e permitindo-nos criar conexões. Dependendo do número de participantes, também acolhemos os responsáveis, buscando saber seus nomes através de perguntas ou outras interações lúdicas. Por vezes, devido à limitação de tempo, não é possível obter imediatamente os nomes dos responsáveis, mas empregamos estratégias ao longo da atividade para que isso ocorra. A revelação de nossos nomes contribui

para a construção de um ambiente mais próximo, algo de nós já está dito naquele espaço.

Após o aquecimento, procedemos à fase de experimentação. Durante toda a ação, o processo é cuidadosamente preparado com brincadeiras, cantigas, instrumentos e objetos. Geralmente, uma brincadeira ou cantiga introduz as tintas no espaço, e neste momento, a intenção é que os bebês explorem livremente, indo além dos gestos, para que entrem em contato com seus outros sentidos, como paladar e olfato, explorando cheiros, gostos, texturas e o próprio ambiente ali preparado para eles, oferecendo a eles autonomia nesta brincadeira de experimentar.

Apresento a experiência da experimentação com tintas como precursora do meu trabalho com a primeiríssima infância, tendo realizado diversas ações em parceria nos anos de 2022 e 2024. Com o tempo, o desejo de explorar outras propostas surgiu, visando desenvolver práticas que pudessem envolver percursos e diálogos com as exposições em cartaz no museu, com a intenção de levar esses públicos ao espaço expositivo, uma vez que a ação com tintas é integralmente realizada no ateliê educativo.

A partir desse anseio e da vontade de experimentar outros contextos e materialidades com os bebês, elaboramos propostas que envolviam o ateliê, o espaço expositivo e o entorno do museu, como a marquise do Ibirapuera e o Jardim de Esculturas. Assim, surgiram ações como Percurso Poético Musical na exposição, Brincadeiras Cantadas nas exposições e Experimentações sensoriais, cujos títulos podem variar, mas que mantêm os mesmos fundamentos essenciais para o trabalho com bebês. Atualmente, em minha atuação como educadora no museu, tenho compartilhado junto das educadoras da equipe, Amanda Falcão e Amanda Oliveira, nossos processos com a primeiríssima infância com professoras, educadores e demais interessados, em um momento de confluência com a escrita sobre o tema. Apreciando a beleza dessa sincronicidade, tal como compreendo a importância de respeitar o tempo, pois há um momento oportuno para tudo acontecer. Nesses estudos e pesquisas, com auxílio das educadoras parceiras, chego a pontos-chave que fundamentam todo o meu trabalho com este público, que são os seguintes:

- Relações estéticas
- Brincadeiras e musicalidade
- Sensorialidade expandida
- Integração entre gerações
- Interseccionalidade e infâncias

3.1 Relações estéticas.

Este fundamento está intrinsecamente relacionado à concepção e preparação do ambiente para as atividades destinadas à primeiríssima infância. A estética, embora comumente associada à beleza, transcende essa percepção para nós, sendo compreendida como uma ferramenta que potencializa o espaço, que nos auxilia a criar um espaço acolhedor e adequado para esses públicos.

Isso se manifesta na acessibilidade das atividades, que em grande parte ocorrem no chão, no nível espacial em que bebês e crianças pequenas interagem, pois desta forma conseguimos estabelecer relações mais horizontais entre todos. Porém, é essencial ter cadeiras para quem não consegue ficar no chão. Muitas das vezes, recebemos avós e avôs como acompanhantes ou até mesmo para cuidadores que possuam certa mobilidade reduzida. A intenção é que todas as pessoas envolvidas tenham o direito à participação.

A oferta de um fraldário no local da vivência e a compreensão de que o responsável pode utilizá-lo a qualquer momento, sem que isso impeça o prosseguimento da atividade, bem como a consideração para o momento da amamentação, são aspectos que refletem uma estética de acolhimento e respeito ao tempo e aos corpos das crianças e suas famílias.

Além disso, a estética contribui para a ambientação e a atribuição de sentido à experiência proposta, seja por meio das cores dos papéis, tecidos, materiais oferecidos, texturas, sons, gestos ou iluminação. É crucial que a estética seja fundamentada na presença, ou seja, no que de fato faz sentido para nós, educadores, nessa ambientação. Conforme Martins, Campolina e Carvalho (2019), "a dimensão estética da experiência apresenta a construção de significado com as coisas do mundo, a partir do contato com os objetos, espaços e ambientes da

cultura, que passa pelo corpo, que é inseparável da mente e do ambiente." Por isso, valorizamos muito a conexão entre as propostas e o ambiente.

É importante lembrar que existem diferentes jeitos de entender a estética, neste trabalho me baseio na definição "ii" das autoras Carvalho e Santos (2019), que diz:

Historicamente, estética é um conceito que passou por algumas transformações. De modo geral, é possível identificar dois significados: i) Relacionado à arte e ao belo, que está mais difundida no senso comum; ii) Estética como uma forma de se relacionar com as coisas do mundo, a partir dos sentidos - tato, visão, audição, paladar e olfato - para perceber e se relacionar com o mundo.

A partir dessa premissa, compreendo que os bebês estão constantemente apreendendo e se relacionando com o seu entorno, tanto com as pessoas quanto com os espaços que ocupam. Os ambientes nos quais realizamos as vivências incluem o ateliê educativo do MAM, o Jardim de Esculturas do MAM e os espaços expositivos do museu, e cada local pede uma preparação diferente de acordo com a proposição que irá ser realizada. Assim, acredito que dar relevância à estética é fomentar um novo modo de pensar o museu, como dizem CARVALHO e SANTOS (2019): "a estética apresenta-se, dessa forma, como uma dimensão que extrapola o campo da arte estando presente nos diversos âmbitos da vida".

3.2 Brincadeiras e musicalidades

As brincadeiras e cantigas permeiam o trabalho do setor educativo do MAM. Observo na equipe uma pesquisa contínua sobre a cultura tradicional das infâncias, bem como sobre os contextos contemporâneos que ocupamos. A atuação do MAM Educativo com a cultura das infâncias transcende as ações voltadas para a primeiríssima infância, expandindo-se para outros programas, como o de Visitação, ao planejar visitas para grupos escolares, contatos com a arte a partir da troca de saberes com professoras. Para tanto, mantemos uma prática interna de formações com especialistas convidados nas culturas das infâncias, visando diversificar continuamente nosso repertório. Essas formações ocorrem em nossos encontros

pedagógicos de equipe, podendo também ser integrados à programação por meio do convite a esses profissionais.

É fundamental ressaltar que o trabalho oferecido pelo MAM Educativo à primeiríssima infância não se restringe à atuação da equipe interna. Contamos com a colaboração de artistas, educadoras e contadoras de histórias, como, por exemplo, Vivian Catenacci ⁹, que já propôs atividades como *“Do tamanho de um botão - Con-vivência lúdica entre famílias e bebês”*, além de formações abertas ao público e à nossa equipe. A contadora de histórias Mafuane Oliveira ¹⁰, por sua vez, enriquece nosso repertório com narrativas diversas, como as apresentadas ao público em *“Cinderela do Rio”* e *“A Mesma Nova História”*, além de compartilhar brincadeiras e cantigas de sua vivência. No campo da musicalidade, a pesquisa aprofundada em jogos de versos de Lucilene Silva tem sido incorporada à nossa programação, oferecendo formações tanto para professoras quanto para nossa equipe.

Em meus roteiros de mediações ou atividade com bebês, gosto de pensar as brincadeiras e cantigas orientando e navegando o nosso percurso, por isso tendo a dividi-las nas seguintes etapas:

- **Brincadeiras e cantigas de acolhimento e integração.**

Este primeiro momento utiliza canções para iniciar a chegada e brincadeiras que promovem a aproximação e o vínculo do grupo. Envolve cantigas para compartilhar nomes, atividades de aquecimento corporal e a interatividade entre os participantes. O objetivo é que as pessoas presentes se reconheçam como um grupo unido para compartilhar uma experiência.

⁹ Vivian Catenacci é antropóloga, produtora rural e cultural, mãe brincante, artista narradora e escutadeira de histórias. Realiza rodas de contos e desenvolve pesquisas, projetos de formação e vivências intergeracionais sobre o livre brincar e aprender; narração oral e mediação de leitura desde os bebês. Co-idealizadora e produtora do Núcleo Boca da Mata – Agroecologia e Cultura, em Piracaia-SP. Integra o GT Infâncias da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) e o Coletivo Portal das Histórias (www.portaldashistorias.com.br).

¹⁰ É pesquisadora, educadora, contadora de histórias e mestrande no Instituto de Artes da UNESP. Tem dedicado suas pesquisas aos temas da memória, performance, oralidade, oralidades afrobrasileiras, literatura infanto-juvenil e culturas da infância. É criadora da Cia Chaveiroeiro, projeto de narração de histórias e formação de professores, voltada a pesquisa, difusão e transcrição de narrativas tradicionais africanas e afro-luso-ameríndias. Também é apresentadora do programa Contos Rá Tim Bum e co-autora do livro infanto-juvenil *Mesma Nova História*.

- **Brincadeiras que irão construir o processo ou percurso mediador.**

São as brincadeiras que orientam o deslocamento e constroem o percurso mediativo, seja entre obras ou de um espaço a outro. Elas também criam diálogos com as obras ou com objetos de mediação, como os jogos de versos que estabelecem conexões com a exposição de forma lúdica.

- **Cantigas de despedida.**

Este momento marca a finalização do percurso construído e vivido na mediação. Em minha perspectiva, demarcar o encerramento é tão importante quanto marcar o início. Geralmente, escolho uma cantiga breve para que o grupo possa cantar junto e, de forma coletiva, concluir a experiência.

3.3 Sensorialidade expandida

Denomino "sensorialidade expandida" os recursos empregados nas atividades, que podem abranger desde um instrumento musical, um pássaro de papel, fitas coloridas, um tecido, uma bacia preenchida com palha (que na condução da mediação se transforma em um ninho de pássaro), tinta comestível, até um ramo de alecrim. O desenvolvimento desta sensorialidade expandida é um pilar fundamental para a equipe ao planejar as atividades para bebês e crianças pequenas. Compreendendo a diversidade de suas formas de interação com o mundo, utilizamos esses recursos como ferramentas potenciais, dentro da vivência, para que experimentem através do toque, do som, do gesto, do paladar, do olfato, entre outros. A oferta de tais recursos amplia os modos de absorção e fruição da atividade proposta.

Uma das ações que mais empregou recursos sensoriais foi o “Percurso Poético Musical para bebês” na exposição “Santídio Pereira: paisagens férteis”. Essa atividade iniciou-se no jardim de esculturas, onde tecidos e almofadas foram dispostos no chão para acolher os participantes, considerando a estética deste espaço.

Em um dia agradável e sem sol intenso, muitas famílias sentiram-se à vontade para descalçar-se. Começamos com uma roda no chão, onde os participantes foram apresentados e informados sobre o percurso a ser realizado: começar ali, levantar-se, caminhar pela marquise e adentrar o museu, finalizando na exposição, informação esta importante, pois faz com que as famílias saibam por onde vão passar e consigam se organizar em suas particularidades, assim se sentem mais seguras e confortáveis, entregando uma presença maior à ação.

Neste percurso, nós tínhamos um personagem, o passarinho, que guiaria a todos nós por esta jornada de conhecer o jardim, mas também conhecer o jardim do artista Santídio Pereira. Sua exposição continha diversas gravuras em grande escala de flores e plantas do cerrado e da caatinga, presentes em seu território de nascimento, o Piauí. O passarinho aparece pela primeira vez ao som de um **apito de madeira**, no qual sua sonoridade remete à de um pássaro, nisso ele surge em materialidade em um **origami de papel**, de tamanho médio, de formato de pássaro. Aqui já experienciamos este personagem no visual e no sonoro.

Como de costume, fazemos as brincadeiras e cantigas de apresentação das pessoas presentes. Logo após, o **ocean drum**, instrumento de percussão que simula o som das ondas do mar, vem para fazer a transição de ambiente e nos informar que estamos perto de uma obra chamada 7 ondas. Um **tecido azul** estendido por nós faz o convite para que as famílias se levanten e embarquem neste **mar-tecido** que nos levará mais próximo da obra. Perto da obra, realizamos brincadeiras de gestos e que levam como temática seres do mar, até que o passarinho retorna pelo apito, mas agora a sua materialidade é diferente, temos um pássaro comprido, seu corpo é um **cabo de madeira**, com asas amarradas em sua ponta, feitas de **fita de cetim coloridas**, que voam pelo céu ao gesto do educador, agora ele nos convida a caminhar em direção ao museu, mas não sem antes nos dar uma pista para onde vamos, nos entregando **ramos de alecrim e flores**.

Fazendo um adendo, gostaria de compartilhar duas cantigas que fazemos neste momento, entrelaçando o sentido tátil das flores com o sonoro:

"Passarinho passarinhozinho
leva pro seu ninho um raminho de alecrim (2x)
Mostra para mim, um bom caminho (2x)
Passarinhozinho do raminho de alecrim. (2x)

cajueiro pequenino
carregadinho de flor
eu também sou pequenina, cajueiro
carregadinha de amor

A primeira cantiga está presente no CD "Leves Cantos", e a segunda é um verso cantado que nos foi ensinado pela educadora Lucilene Silva, em uma de nossas formações de equipe. As músicas se relacionam com as materialidades entregues aos acompanhantes, proporcionando uma conexão sensorial diferenciada com cada elemento. É relevante destacar que, ao conceber a sensorialidade, seu campo de atuação se expande para o público em geral, ou seja, não se restringe a bebês e crianças, mas também abrange as famílias acompanhantes. Isso fomenta um sentimento de pertencimento e acolhimento na proposta, permitindo a construção e/ou modificação de imaginários e o afloramento de memórias, aspectos de grande valor em um trabalho de arte-educação.

Retomando o percurso, adentramos o espaço expositivo, onde nos aguarda um **ninho de palha** que está sob uma **vasilha de cerâmica**. Convidamos a todos os participantes a depositarem ali seus **raminhos e flores** (lembrando que, dentro do espaço expositivo, esta materialidade não é recomendada, assim a vasilha é um recurso que se torna poético na mediação para que ninguém fique com os elementos naturais caminhando pela exposição).

E ao deixarmos os elementos, o passarinho nos entrega um presente que é experienciar este jardim-exposição a partir do olfato. Pequenos **passarinhos de origami** são entregues às pessoas (pequenas e grandes), porém este pássaro carrega consigo uma **gota de âmbar** (essência que possui um cheiro que remete à terra), pingada sobre seu papel.

O grande **pássaro amarelo** retorna e convida a todos os passarinhos a caminharem e voarem pela exposição, observando as obras. Neste momento, nós, educadores, vamos caminhando e recitando versos referentes a cada obra, com o objetivo de

ampliar as leituras possíveis de cada imagem. Até que chegamos à nossa última obra, uma grande **matriz de xilogravura, colorida**, que em sua forma se constitui a imagem de uma **bromélia**. Neste momento, fazemos o convite aos participantes a imaginar como seria o cheiro da **flor da bromélia**, aguçamos sentidos, despertamos a curiosidade e concretizamos o sentir distribuindo a mesma imagem da obra recortada e colada em um **palito de churrasco**, onde pingado sobre a imagem da flor há **essência de bromélia**.

Neste momento, muitas sensorialidades são convidadas: temos o cheiro, temos o tátil e o visual que se entrelaçam; vejo a obra, mas, ao mesmo tempo, a tenho também em minhas mãos. Entregamos a bromélia sentados em roda, e em roda, mais uma vez, o grande **pássaro amarelo** apareceu para se despedir, recolhendo as bromélias junto das educadoras e se despedindo de pessoa por pessoa, na seguinte canção.

Eu sou forte como o vento
Sou pesado como as águas
Eu sou forte como o vento
Sou pesado como as águas
Sou eu, Rouxinol!
Voltando à minha morada
Sou eu, Rouxinol!
Voltando à minha morada

A parte destacada em itálico constitui uma adaptação livre elaborada pela equipe educativa com o intuito de conferir maior simbolismo e poeticidade à mediação. O termo rouxinol designa um pássaro e, no âmbito da imaginação, este rouxinol agora se despede, uma vez que sua morada requer retorno, finalizando, assim, o nosso percurso.

Cantiga original:

Eu sou forte como o vento
Sou pesado como as águas
Eu sou forte como o vento
Sou pesado como as águas
Sou eu, Rouxinol! Ando pela madrugada
Sou eu, Rouxinol! Ando pela madrugada¹¹

¹¹ canto encontrado na música Cantigas da Encantaria do grupo Ponto Br.

Neste relato, detalho os modos como utilizamos tais recursos que vão possibilitar experienciar o percurso com as mais diversas sensorialidades e, parafraseando Jorge Larossa, ter “a experiência que nos passa, que nos acontece e que nos toca”.

3.4 Integração de gerações

Observando os participantes vivenciando a ação, fomos testemunhas da autenticidade com que essa interação se desdobra.

Neste ponto-chave, embora as atividades sejam concebidas para bebê e crianças, os roteiros das ações contemplam sempre a participação de seus acompanhantes. É essencial compreender que o bebê jamais se encontra isolado, assim, considerar aqueles que o cuidam e zelam naquele instante é de suma importância para o pequeno, que percebe seu par interagindo conosco, o que lhe confere maior confiança para estar presente.

É encantador observar os aprendizados e as trocas que ocorrem entre as gerações. Quando propomos uma brincadeira ou cantiga, e o roteiro é construído de modo que as pessoas ali se sintam parte do grupo, elas se vinculam ainda mais às suas crianças. Com a atenção e a escuta ativadas, torna-se possível perceber o quanto bebês e crianças comunicam seus saberes e aprendizados. Por exemplo, em uma atividade no espaço expositivo, a avó de uma das famílias comenta como a criança chamou a atenção para um aspecto da obra que a faz compreendê-la de uma maneira distinta da primeira vez.

Este é um espaço para que crianças de diversas idades também convivam. As ações são direcionadas à bebês de meses a 3 anos, mas caso apareçam crianças acima destas idades, nós as acolhemos, sem deixar ninguém de fora. Recordo-me de uma ação de experimentação com tintas naturais, onde uma criança mais velha, por volta dos seus 4 ou 5 anos, acostumada ao uso do pincel, ofereceu-o a um bebê que explorava a tinta com as mãos e os dedos, sentindo texturas, cheiros e gostos. No momento em que a criança de 4 anos ofereceu o pincel, o bebê, com cerca de 8 ou 9 meses, pegou-o e, primeiramente, levou-o à boca para sentir a textura e o sabor do material. A criança de 4 anos estranhou, mas algo nela foi reativado, e ela, que nunca havia experimentado a tinta além do uso do pincel, também o levou à

boca para vivenciar aquela experiência ensinada pelo bebê, assim como o bebê aprendeu com a criança uma nova textura e um novo gosto.

Essas interações e aprendizados também se estendem aos adultos. Em uma ação denominada "Brincadeiras cantadas e experimentações sensoriais", em dado momento, adentramos o espaço expositivo e encontramos um ninho repleto de ervas guardadas em saquinhos de tule. Neste instante, inicia-se uma roda de troca de saberes, e a avó de uma das famílias comenta sobre uma erva específica, benéfica para acalmar cólicas de bebê. A mãe, desconhecendo tal propriedade, presenciou o conhecimento transmitido oralmente, muitas vezes perdido nas relações atuais. Esses saberes de boca, que se aprendem por meio de "alguém me disse que funcionava, testei e deu certo", ou "aprendi com minha mãe, minha avó, minha bisavó, foi ela quem me contou", florescem ali. Naquele momento, a partir dos estímulos proporcionados na vivência, todos nós aprendemos com a memória daquela avó. Como afirma Lucilene Silva (2016):

Este entrelaçamento entre tradição e inovação, que nos possibilita visualizar as diferenças no repertório de brincadeiras de uma geração para a outra, coloca em pauta a discussão sobre a transformação do repertório ao longo dos tempos e a relação destas transformações com mudanças sociais, que são responsáveis pelas mudanças de comportamento das crianças.

Ou seja, estas trocas entre gerações fortalecem a tradição e fazem com que ela continue sendo transmitida, mas também há o espaço para que se reinventem as brincadeiras e cantigas, tanto adaptando-as ao contexto da proposta e dando oportunidade e referência às crianças, aos adultos e aos mais velhos de criarem seus brincares e tornando cada vez mais os saberes da cultura das infâncias algo vivo, presente e participante do cotidiano.

3.5 Interseccionalidade nas infâncias.

No trabalho direcionado aos bebês e às crianças pequenas em nossa programação do MAM Educativo, identificamos um ponto de atenção: a participação era majoritariamente de famílias brancas, de classe média e alta, com uma presença reduzida de famílias negras e indígenas. Atribuímos esse fator, primeiramente, à constituição histórica e, em certa medida, ainda atual do museu como um espaço branco, elitista e colonial, o que gera um sentimento de não pertencimento para diversas pessoas, especialmente em relação à classe social e raça. O MAM-SP está localizado no bairro da Vila Mariana, dentro do Parque Ibirapuera, e além de ser um bairro elitista, o acesso ao parque é desafiador, particularmente para indivíduos provenientes de periferias e de outras regiões da cidade de São Paulo.

Como prática pedagógica e política, o MAM Educativo considera essas questões em todo o trabalho realizado no museu, e a abordagem nas infâncias não é diferente. Dessa forma, trago em conversa aqui o conceito de interseccionalidade, cunhado pela ativista norte-americana Kimberlé Crenshaw, que compreende que as opressões de raça, gênero e classe social se cruzam em um aspecto de discriminação e precisam ser analisadas em conjunto, entrelaçadas e, dependendo do contexto, podem se sobrepor. Conforme afirma Carla Akotirene (2018), que analisa este termo no contexto brasileiro:

Crenshaw propõe que opressões estruturais, como o racismo e o sexismo, não atuam de forma separada, mas interagem criando vulnerabilidades específicas. No Brasil, essa proposta teórica precisa considerar as desigualdades de classe, a colonialidade e os marcadores territoriais como partes constitutivas dessa sobreposição.

Assim, entendemos que esses marcadores de opressões atuam nos modos operandi de nossa sociedade, estando presentes nas estruturas e dinâmicas de poder. Isso, por sua vez, afeta nossas relações e subjetividades como sujeitos nesta sociedade, perpassando também as infâncias.

Quando essa questão sobre a diversidade das famílias foi levantada, buscamos estratégias pedagógicas que pudessem promover modificações nessa realidade. Dessa forma, como prática contínua, convidamos artistas, educadores e coletivos negros para atuar como propositores de atividades para a primeiríssima infância

dentro do programa Família MAM. Eles desempenham um papel de representatividade, contribuindo para que as famílias se sintam mais pertencentes, trazem seus públicos, mas também ampliam o repertório cultural, simbólico de qualquer participante, inclusive da própria equipe educativa. Nos últimos três anos, tivemos abordagens específicas para bebês com Priscila Obaci, com a proposição *“Xirezinho - brincando com a natureza”*, e a ação *“Balaio de erês: desvendares de elementos sensoriais e do cotidiano”* com a Cia Caruru.

Além da pesquisa contínua da equipe, que busca incorporar referências afro-brasileiras, afro-diaspóricas e indígenas, com a seriedade de ampliar a diversidade nos mais diversos processos pedagógicos, contamos com formações internas para a equipe com pessoas especializadas. O Currículo da Cidade de São Paulo: Educação Infantil (pág. 71) afirma que “[...] bebês e crianças convivendo com os mais diversos grupos aprendem a se respeitar e acolher, aprendem as mais diversas maneiras de ser e estar no mundo.” Ou seja, quanto maior for a diversidade apresentada à primeiríssima infância, mais elas saberão conviver de forma respeitosa e harmoniosa, o que talvez seja um dos caminhos para construirmos um mundo mais saudável para o crescimento dessas e de outras crianças.

Neste ponto gostaria também de levantar a reflexão que sobre a importância da escolha do educador e da educadora, sobre quais referências, palavras e ações ele terá perante sua atividade com bebês e/ou visitas com crianças pequenas. Jussara Santos traz em seu livro *“Democratização do Colo”*, a seguinte reflexão:

Ao ofertar uma música, reflita sobre quem é o compositor, cantor, quais as influências a canção traz, de que modo pessoas negras, indígenas são ou não representadas nos livros que você lê diariamente para os bebês e as crianças pequenas. Ao escolher uma obra de arte, um panfleto a ser fixado na parede, qual cultura revelam? Quem são as pessoas que estão representadas? (pg.93)

A interseccionalidade está nas pequenas escolhas e não somente dentro do âmbito pedagógico ou do espaço do museu, mas também no particular, nas escolhas do dia

a dia como pessoa que influencia o ser educador e educadora. É escolher se aprofundar com criticidade naquilo que pode parecer distante, pois para alguém aquilo é lugar de pertencimento.

Do fim, um novo começo.

Durante a orientação do trabalho, tivemos alguns encontros com diversos exercícios para ativar, aguçar a escrita. Em um destes encontros ministrados pelo Giuliano, fomos provocados a pensar quais perguntas nós achávamos essenciais para este trabalho e quais descobertas tivemos ao escrever sobre isso...

Há uns anos atrás participei de um encontro de formação em dança com o grupo indígena “Yamititkwa Sato” da etnia Fulni-ô. Uma das pessoas do coletivo afirmou a seguinte frase: “melhor do que saber responder, é saber perguntar”. Eu carrego essa ideia comigo e, a cada releitura, ela me afeta de alguma forma. De fato, é mais construtivo saber perguntar, pois a pergunta é o ponto de continuidade. Quando temos a resposta, o resultado, geralmente findamos o assunto ou nos limitamos a buscar outras respostas em um mesmo caminho.

Escrever este trabalho não foi um processo fácil. Reconheço que gosto mais da oralidade — comunicar, dialogar, narrar histórias — do que da escrita, mas eu tinha um compromisso formal com a instituição e comigo mesma.

Para além de ser um compartilhamento de relatos e experiências, este trabalho é um convite. Ele convida famílias com bebês e crianças pequenas a participarem das iniciativas do MAM Educativo e, acima de tudo, a entenderem que o museu pode ir além do que o senso comum estabeleceu. A presença, como um elemento transformador, tem um poder real de mudança. Receber crianças e bebês, garantindo seus direitos em um espaço que não foi feito originalmente para eles, é um ato de subversão e resistência. Não há lugar mais apropriado para isso do que um espaço dedicado à arte e à memória.

Deste modo, surge a reflexão: precisaremos mudar a percepção consolidada do museu como um espaço meramente contemplativo? O museu precisará de mudanças estruturais? Será fundamental reconhecer o museu como um ambiente de experimentação do sensível e do lúdico? Eu creio que sim.

E, neste ponto, deixo a seguinte pergunta: “Como os setores educativos de museus podem efetivamente contribuir para o acolhimento de bebês e crianças pequenas nas exposições?”

Sei que tem caminho a esta resposta, mas um dos aprendizados que percebo, ainda mais afirmado ao escrever este texto, é a importância da formação da equipe educadora para cada vez atender com qualidade bebês, crianças e suas famílias e também os espaços educacionais, para que eles possam compreender que o museu pode e deve ser um aliado nos aprendizados artísticos.

Outro ponto importante é a intenção de compartilhar a visão de que o museu pode ser um aliado do aprendizado artístico para os espaços educacionais que atuam com bebês e crianças e também um lugar de pertencimento às famílias, garantindo e exercendo o direito de acesso à arte e à cultura.

4. Referências Bibliográficas:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018. (Coleção Feminismos Plurais).

BISPO dos Santos, Antonio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo. Ubu Editora. 2023

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, v. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

Canção Passarinho, disponibilizada em <https://www.youtube.com/watch?v=d31kAnDpZ80&t=2s>. Acesso em 09 de outubro de 2025.

CARVALHO, Cristina; LOPES, Gabriela Campolina de Azeredo Coutinho; MARTINS, Valeria. **Bebês no MAR: Samba de roda para os pequenos no museu**. In: V Seminário Luso - Brasileiro de Educação Infantil / II Congresso Luso - Afro - Brasileiro de Infâncias e Educação, São Paulo, 2019. v. 1º ed. p. 1-9.

Correia, P. (2025). **A ancestralidade me segurava no colo: memória, oralidade e ancestralidade em Nêgo Bispo**. História Oral, 28(2), 85–114.

CRENSHAW, Kimberlé, **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex**, 1989.

MARTINS, Valeria; CAMPOLINA, Gabriela; CARVALHO, Cristina - **OS BEBÊS NO MUSEU DE ARTE DO RIO: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ESTÉTICAS**, 2022.

MONTIJA, Karen. **Arte com Acessibilidade**. Curitiba, SP. Appris, 2025.

Museu de Arte Moderna de São Paulo, site oficial: <https://mam.org.br/educativo/>

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO. **Educação e acessibilidade: experiências do Museu de Arte Moderna de São Paulo**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Mafuane. **Cinderela do Rio**. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2024

Rufino, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Mórula Editorial. 2019.

SANTOS, Jussara. **Democratização do colo: educação antirracista para e com bebês e crianças pequenas/Jussara Santos**. Campinas, SP: Papirus, 2024.

SILVA, Lucilene Ferreira. **Música tradicional da infância - características, diversidade e importância na educação musical** / Lucilene Ferreira da Silva. Campinas, SP: [s.n] , 2016.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. COORDENADORIA PEDAGÓGICA. **Currículo da cidade: Educação Infantil. – 2. ed.** – São Paulo : SME / COPED, 2022.